

Artigo

Discursos de ódio: ser mulher negra nordestina residente no Rio de Janeiro

Hate speeches: being a Northeastern black woman living in Rio de Janeiro

Discursos de odio: ser una mujer negra del noreste residente em Rio de Janeiro



Bárbara Oliveira Rosa

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Brasil
barbarass@hotmail.com.br



Glenda Cristina Valim de Melo

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Brasil
glenda.melo@unirio.br

Resumo: O propósito desta pesquisa foi compreender os discursos de ódio observados em postagens no Twitter sobre Alcione Marrom, depois que ela postou um vídeo, defendendo o povo nordestino, atacados pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) em uma declaração. Partindo da concepção de linguagem como ação, promovemos um diálogo com perspectivas teóricas relacionadas às questões de raça, gênero e identidade nordestina. Os dados gerados nos permitem inferir que os atos de fala performativos apontam para discursos que ainda constroem as mulheres negras nordestinas de forma preconceituosa.

Palavras-chave: discurso de ódio; gênero; raça; migrantes nordestinas.

Abstract: The purpose of this research was to understand the hate speech observed in Twitter posts about Alcione Marrom, after

she posted a video defending the northeastern people, attacked by former president Jair Bolsonaro (PL) in a statement. Taking as our point of departure the conception of language as action, we promote a dialogue with theoretical perspectives related to issues of race, gender and northeastern identity. The generated data allow us to infer that the performative speech acts point to discourses that still construct black women from the Northeast of the country in a prejudiced way.

Keywords: hate speech; genre; race; Northeastern migrants.

Resumen: El objetivo de esta investigación fue comprender el discurso de odio observado en las publicaciones de Twitter sobre Alcione Marrom, luego de que ella publicara un video, defendiendo al pueblo nordestino, atacado por el expresidente Jair Bolsonaro (PL) en un comunicado. Partiendo de la concepción del lenguaje como acción, promovemos un diálogo con perspectivas teóricas relacionadas con cuestiones de raza, género e identidad nororiental. Los datos generados permiten inferir que los actos de habla performativos apuntan a discursos que todavía construyen prejuiciosamente a las mujeres negras del Nordeste.

Palabras clave: discurso de odio; género; raza; migrantes del Nordeste.

Submetido em: 03 de julho de 2023

Aceito em: 06 de outubro de 2023

Publicado em: 08 de março de 2024

1. Introdução

Considerando o momento histórico em que vivemos nesses últimos quatro anos, com a ascensão de uma extrema direita ao poder, torna-se relevante compreendermos as práticas discursivas de ódio mobilizadas em discursos que circularam (e ainda circulam) nas mídias sociais. Diante de tantos casos, escolhemos nos deter sobre o de uma migrante nordestina negra, a cantora Alcione, na medida em que esta é alvo tanto de discriminação quanto de ódio no contexto citado. Com base em Santos (2016), compreendemos que nossas sociedades são “politicamente democráticas [embora] socialmente fascistas”. O contexto em que vivemos fomenta o ódio aos corpos de pessoas negras de forma geral, e em particular de mulheres, imigrantes, nordestinos, indígenas, quilombolas etc. Eco (2018) lista como características fascistas: o clamor pela volta a um passado nacional mítico; o uso de propaganda política para esconder os reais objetivos das políticas implementadas; posições anti-intelectuais por meio de negacionismo científico e, conseqüentemente, a desvalorização da universidade.

Seguindo na linha de Santos (2016), Moita Lopes e Pinto (2020) afirmam que as democracias podem ser compreendidas como tais institucionalmente/legalmente, embora sejam fascistas em suas ações sociais. Nesse sentido, no Brasil vivemos uma democracia de baixa intensidade, marcada por um fascismo social:

Não é difícil traçar semelhanças com essas ideias e o que tem caracterizado a chamada extrema-direita, que está no poder em alguns países ou que tem atraído muitos adeptos para seus partidos ou grupos, sobretudo, nas redes sociais em muitos lugares do globo. O presidente eleito no Brasil em 2018, por exemplo, não escondia durante sua campanha suas posições racistas, misóginas, homofóbicas, armamentistas, defensoras de tortura embora, ainda assim, tenha sido eleito. Talvez por, contraditoriamente, se colocar como

um cristão evangélico, o que atraiu milhares de religiosos fundamentalistas (Moita Lopes e Pinto, 2020, p. 1596).

De acordo com os autores, no Brasil de 2018 a 2022, os posicionamentos racistas, homofóbicos e misóginos se intensificaram, e pessoas do meio artístico passaram a ser mais atacadas em contexto *on-line*. Circularam nas mídias sociais postagens agressivas que incentivavam ainda mais as opressões citadas anteriormente e suas práticas para uma parcela significativa da população. A cantora Alcione, por exemplo, foi vítima da fúria de usuários da *web*. Assim, para entendermos os discursos de ódio direcionados à cantora - que é mulher, negra e nordestina -, temos que entender, primeiramente, o que é o Nordeste?

Garcia (1999) afirmou a existência de “Nordestes”. Ele, ao mesmo tempo em que exaltava o “nordestino”, acabou por reforçar uma única imagem, no próprio ato de unificar e classificar a população nordestina. Contrapondo-se a isso, Albuquerque Júnior (2011) defende a invenção do Nordeste. Para ele, as pessoas nordestinas constroem uma subjetividade artificial, ou seja, nordestinizam-se e são nordestinizadas. Com base nesse pensamento, podemos afirmar que essas identidades não têm uma essência ou uma natureza, mas são construídas discursivamente, através de constructos socioculturais, de uma multiplicidade de imagens, significados e histórias, sendo reformuladas e metamorfoseadas ao longo do tempo e do contexto.

Ainda segundo Albuquerque Júnior (2011), o Nordeste teria sido inventado entre os anos de 1910 e 1920, embora anteriormente a esses períodos já houvesse uma polarização entre norte/sul, isso se intensificou principalmente pós anos vinte. Neste sentido, Penna (1992) complementa este aspecto afirmando ter ocorrido uma crise decorrente do fim do ciclo do açúcar, o que teria contribuído para a criação de uma ideologia do atraso e da miséria, pautada em um discurso de seca e de morte em torno da região. Essas imagens foram construídas pelas elites nordestinas também como pretexto para demandar investimentos estatais.

Entre as décadas de 1950 e 1970, frente à realidade de crise e sem investimentos estatais, acontece a migração de nordestinos em busca de oportunidades de trabalho. Quando chegam na região Sudeste, encontram a expansão da cultura cafeeira e um crescente processo de industrialização e de urbanização. Nesse período, já são discriminados. Aos nordestinos caberá realizar as “tarefas mais duras e desprestigiadas, que não interessavam aos imigrantes estrangeiros” (Albuquerque Júnior, 2012, p. 98). Além disso, o preconceito também permeia a região nordestina, porque esta foi a “[...] que os negros pisaram pela primeira vez, deixando um patrimônio riquíssimo que muitas vezes é mal compreendido pelos habitantes do Brasil, principalmente do Sul e Sudeste” (Xavier, 2020, p. 46).

A migração nordestina para o estado do Rio de Janeiro se deu continuamente a partir da década de 1950, principalmente no auge da industrialização, entre as décadas de 1970 e 1980. Os principais motivos do deslocamento foram: a mecanização da lavoura (que liberava mão-de-obra no campo), o aumento da pecuária e a contínua dissolução das colônias nas fazendas. Nas grandes metrópoles, os homens nordestinos ocuparam o mercado de trabalho em obras de metrô, estradas, pontes, represas e hidroelétricas; depois, vieram suas esposas e filhos (Rua, 2003).

O Estado do Rio de Janeiro é o segundo estado que mais recebeu migrantes nordestinos no país. Essas pessoas ficaram concentradas em Duque de Caxias e São Gonçalo, mas a maior parte deles se fixou na capital. No município do Rio de Janeiro, as favelas da Rocinha e do Rio das Pedras são caracterizadas por serem habitadas principalmente por nordestinos. A cultura nordestina também se faz presente na cidade pela Feira de Tradições Nordestinas, em São Cristóvão. Contudo, isto não significa ausência de discriminação, de silenciamento, ou de ataques de ódio na *web*. Nesse contexto de extrema-direita, as pessoas oriundas do Nordeste foram, ainda, vítimas de discursos de ódio, como veremos no caso da cantora Alcione, também conhecida como Marrom, que é uma migrante nordestina residente na cidade do Rio de Janeiro

desde 1972, e que foi vítima de ataques nas redes sociais durante o governo de Jair Bolsonaro (PL)¹.

Partindo da concepção de linguagem como ação, nesta investigação dialogamos com perspectivas teóricas relacionadas às questões de raça, gênero e identidade regional nordestina para refletir sobre o discurso de ódio. Dessa forma, o propósito da pesquisa foi compreender os discursos de ódio observados em postagens no Twitter contra a cantora Alcione, uma mulher negra e nordestina, depois que esta postou um vídeo em defesa ao povo nordestino, que havia sido atacado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro em uma declaração anterior. Vale dizer, ainda, que esta pesquisa é um recorte de uma pesquisa maior que investiga a solidão da mulher negra nordestina residente no Rio de Janeiro. Com o rastreamento de textos, que trataremos ao longo do artigo, observamos no Twitter um engajamento significativo à fala da cantora em resposta à xenofobia do ex-presidente. O material de análise é composto por *tweets* (postagens) que circularam no Twitter. Optamos por analisar os excertos em que encontramos discursos de ódio, ataques racistas e xenofóbicos contra a cantora.

Com isso, resta dizer que o presente artigo organiza-se em duas seções: primeiramente, abordaremos os conceitos sobre discurso de ódio no contexto *on-line* e por último, refletiremos sobre os discursos de ódio nas postagens do Twitter sobre Alcione.

2. Discurso de ódio no contexto *on-line*

O poder passa pela competição das histórias e das memórias e, conseqüentemente, dos discursos. Nesse sentido, alguns membros da classe trabalhadora, eventualmente podem não se identificar com os discursos da sua própria classe, mas com aqueles da classe dominante. “Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe

¹ O presidente Bolsonaro se elegeu pelo PSL em 2018 e em 2019, em meio a divergências com a cúpula da legenda, se desfilou do partido, ficando sem partido por 2 anos, período no qual supostamente tentava fundar uma legenda própria. Somente a partir de 2021 se filiou ao PL de Valdemar da Costa Neto, ao qual permanece filiado até hoje.

que tem o poder material dominante numa sociedade é também a potência dominante espiritual” (Marx e Engels, 2007, p. 55 e 56).

O pensamento hegemônico da classe social detentora dos meios de produção é veiculado pela mídia, pelos meios de comunicação, o que se reflete também no fato de as plataformas digitais serem controladas por grandes empresas.

As plataformas digitais são controladas por grandes empresas com interesses econômicos muito bem definidos e isso tem impacto direto na forma como elas são pensadas em termos de interface, utilização dos dados das usuárias e transparência (ou a falta dela) nos seus termos de uso. Ou seja: o funcionamento do ambiente digital está intrínseca e profundamente conectado a estruturas de poder e de conhecimento (Coletiva Ciborga, 2022, p. 153).

Mas não só a mídia e as grandes empresas; o Estado é também uma instância que propaga a ideologia da classe social detentora os meios de produção, podendo refletir os interesses dessa classe, apesar da falsa ideia de que possuiu uma neutralidade. O Estado, segundo Marx (2005), consegue somente uma emancipação política, quando consegue; o sistema capitalista impossibilita uma emancipação humana, porque é um modo de produção que se reproduz por meio da desigualdade social, em que se tem uma liberdade restrita.

Assim, o pensamento hegemônico da classe social detentora dos meios de produção gera uma falsa consciência que não corresponde à realidade vivida pelos sujeitos, que naturaliza e fragmenta as relações de produção e mascara as relações de poder. Adorno e Horkheimer complementam essa questão com o termo “indústria cultural” (1985, p.114), que não apenas produz mercadorias, mas produz valores e símbolos, e cuja finalidade é manter as relações de produção por meio de formas ideológicas de dominação. “O

progresso se paga com coisas negativas e aterradoras, entre elas o desaparecimento do sujeito autônomo em um totalitarismo uniformizante” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 13).

Importa salientar que não vivemos fora das relações de poder; no entanto, não podemos isentar o sujeito de sua responsabilidade ao escolher seus discursos. Segundo Foucault (1997), o sujeito age a partir do discurso e vice-versa. Portanto, os sujeitos são responsáveis por aquilo que falam. Por meio das palavras, os discursos carregam expressões do tempo, do contexto, do local, da cultura, mas também de quem somos e mesmo da nossa subjetividade.

Junto a esses construtos, nosso aporte teórico se fundamenta nos conceitos de performance/performatividade. A partir dos estudos de Pennycook (2007) passamos a compreender a linguagem como um instrumento de poder enquanto performance, nesse sentido, as palavras são ações e produzem efeitos; por meio dos discursos imitamos outros modelos, em um processo de repetição-diferença que, ao mesmo tempo em que produz a repetição, também pode produzir a diferença.

Para o autor, o termo performance tem um significado diferente de performatividade, sendo que este se refere às condições que tornam a performance possível, ou através das quais uma determinada performance pode, ou não, ser aceita. Neste sentido,

a linguagem e a língua não são entidades pré-dadas [...] ao contrário, elas são produtos sedimentados de repetidos atos de identidade. Desta maneira, uma determinada língua não é um conjunto de estruturas, porém são construções, sociais, históricas, discursivas, produtos de performances sociais ritualizadas que se sedimentaram em sistemas temporários (Pennycook, 2007, p. 73).

O termo performativo, ainda segundo Pennycook (2007), se refere a como usamos a linguagem para fazer ações na vida social.

Ao enunciarmos uma ação, ela é realizada pela linguagem, consequentemente, dizemos que a linguagem é performativa e como tal todos os atos de fala também o são. Deste modo, podemos afirmar que a língua e a linguagem são produtos da performance.

Considerando a questão da performance, Butler (2018) propõe o conceito de performatividade, embasado anteriormente. Para ela, a performatividade pode ser entendida como a maneira pela qual nós performamos atos de identidade, em uma contínua série de encenações sociais e culturais, ao invés de ser compreendida como a expressão de uma identidade já dada previamente.

Assim, para Butler (2021; 1997), a nomeação de algo injurioso representa um limite dentro do qual somos autorizados a existir – as pessoas têm uma concepção de existência atribuída, têm as possibilidades de vida restritas em torno de um estigma. A autora relaciona a linguagem e a violência, evidenciando que o discurso de ódio não se trata apenas de palavras que comunicam ódio, mas que impingem dor. De outro modo, a linguagem pode, também, ferir, como abordam Melo e Rocha (2015) e Silva (2019).

Essas questões se evidenciam nas redes sociais. Neste contexto *on-line*, as línguas viajam pelas redes e as relações humanas ocorrem com intensidade; além disso, personagens são construídas(os) a cada acesso e podem estar em constante movimento. Segundo Miskolci e Pelúcio (2017), após a criação da chamada *web 2.0*, a internet se torna mais interativa, bem como mais política, enveredando pelo delicado campo das disputas identitárias travadas por meios digitais.

Não é de se estranhar que as mídias digitais ganhem força justamente em meio à decadência dos estados nacionais e outras formas de construção de identidades coletivas pretéritas. Elas potencializam a formação de laços de afinidade distintos em que o comercial, o político e o íntimo se entrelaçam de maneiras novas. Refiro-me a essas três dimensões porque as mídias são, principalmente (se não

primordialmente), um espaço comercial, parte do mercado, mas nelas é possível se socializar a partir da vida pessoal, o que não equivale a uma necessária despolarização, ao contrário, há muitas evidências de politização da intimidade e constituição de laços a partir de características individuais anteriormente invisibilizadas, ignoradas ou, pura e simplesmente, recusadas coletivamente (Miskolci e Pelúcio, 2017, p. 266).

Segundo Coletiva Ciborga (2022), a internet está integrada em nossas vidas; as ações que vemos ocorrer no ambiente *on-line* estão conectadas a nossa vida *off-line*. Nesse sentido, a internet é incorporada, corporificada e cotidiana; dificilmente podemos considerar nossas atividades virtuais como fenômenos separados de nossos corpos, assim a *web* “[...] se torna parte de nossa experiência enquanto sujeitos corporificados e posicionados socialmente” (Coletiva Ciborga, 2022, p. 47).

De acordo com Blommaert (2010), discursos circulam pela rede, carregando suas características históricas, agregando novos sentidos e promovendo a socialização de pessoas por meio de vários recursos semióticos. Na *web*, do mesmo modo em que temos a construção de grupos lutando por seus direitos e legitimando suas vozes nas redes sociais, temos a criação de grupos de ódio. Nesses discursos, nos deparamos com o racismo e a xenofobia, uma interseccionalidade que mostra a opressão do ódio e das agressões. Nesse estudo, a interseccionalidade é compreendida como uma ferramenta analítica – a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe e gênero, são inter-relacionais e moldam-se mutuamente (Collins e Bilge, 2021).

Crenshaw (2018) divide a interseccionalidade em três tipos: a estrutural, mostrando, por exemplo, que as formas de opressão sofridas pelas mulheres negras diferem daquelas sofridas pelas mulheres brancas; a política, que aborda o impacto das políticas públicas sobre as mulheres negras; e a representativa, que pensa

como a cultura popular as representa e como isso afeta as suas vidas. Para a autora, os termos não são aditivos — racismo mais sexismo mais classe social —, essas características na verdade se fundem e interferem umas nas outras.

As mulheres negras foram excluídas, inclusive, da dita “condição feminina”, sendo exemplo disso o fato de que o movimento feminista foi predominante e hegemonicamente composto por teorias de mulheres brancas e ricas. Davis (2013) afirma que as feministas brancas reforçam o racismo em sua própria busca por direitos. Sendo que, enquanto lutavam pelo direito ao trabalho, as mulheres negras sempre trabalharam. O trabalho foi a única opção de sobrevivência. Ainda hoje, vemos uma diferença salarial e de funções que privilegiam as brancas. Enquanto mulheres brancas lutam por liberdade sexual, estudos apontam que as mulheres negras sofrem com a solidão (Pacheco, 2013).

Davis (2013) afirma que há uma necessidade de falar de raça e classe dentro do feminismo. Por isso, foi necessária e mesmo essencial a criação do feminismo negro, que reivindica os direitos das mulheres negras. “Em obras sobre o feminismo é muito comum não encontrarmos nada falando sobre feminismo negro [...] Para quem é esse feminismo então? É necessário entender de uma vez por todas que existem várias mulheres contidas nesse ser mulher [...]” (Ribeiro, 2018, p. 53).

Kilomba (2020) é uma autora que aprofunda essa questão, dizendo que a mulher negra é o “outro do outro”, a antítese do ser masculino e branco. Borges e Melo (2019) complementa, mostrando que há uma imagem negativa em relação às mulheres negras, trazendo uma violência que impõe a hegemonia branca e afeta a identidade negra, especialmente em um contexto *on-line*.

Nossa pesquisa usa como metodologia o rastreamento de textos; conforme Blommaert (2010), Fabrício (2014), Fabrício e Melo (2020), os textos no ambiente *on-line* realizam trajetórias textuais múltiplas e versáteis; essas trajetórias nos direcionam para mudanças, reavaliações e transformações dos textos por diferentes contextos. Assim, ao longo dessas trajetórias textuais, os textos tornam-se fluidos e misturados.

Para análise das postagens, utilizamos a concepção de indexicalidade, proposta por Silverstein (2009), Blommaert (2010) e Melo (2021). A linguagem em uso produz uma multiplicidade de sentidos que apontam para diferentes repertórios. Esse fenômeno é chamado de indexicalidade. A indexicalidade pode ter um valor denotacional ou conotacional (quando aponta para significados sócio-históricos). Estes últimos são ordenados segundo uma “ordem indexical” e “ordens de indexicalidade” (são dois construtos diferentes, embora relacionados). Nesse sentido, a indexicalidade aponta para discursos, textos, repertórios sociais amplos de natureza co-construída na narrativa.

O primeiro e o segundo semestres do último ano (2022) foram dedicados à busca de dados, visto que a pesquisa foi desenvolvida a partir das postagens compartilhadas nas redes sociais. No primeiro rastreamento, os termos utilizados foram “mulheres negras nordestinas no Rio de Janeiro”, sendo pesquisado no Google, Instagram, Facebook, YouTube e Twitter, o que nos levou a uma variedade de textos, inclusive a um *tweet* (postagem) no Twitter sobre o vídeo da Alcione. A quantidade de dados sobre xenofobia nos levou a pesquisar mais postagens no Twitter relacionadas ao tema do vídeo, e assim chegamos ao propósito desta pesquisa, que foi compreender os discursos de ódio observados em postagens no Twitter sobre Alcione Marrom, depois que ela postou um vídeo defendendo o povo nordestino, povo este atacado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro em uma declaração anterior. No segundo rastreamento, os termos utilizados foram “Alcione e Bolsonaro”, sendo pesquisados apenas no Twitter. As postagens do Twitter foram selecionadas por atingirem os objetivos do artigo de trabalhar com os discursos de ódio.

3. Resultados e discussões

Atentos ao que ocorreu nesse governo de extrema-direita, percebemos que uma mulher negra nordestina de carreira musical passou a sofrer ataques de caráter xenofóbico e racista. O inte-

resse foi desperto, principalmente, porque Alcione Marrom rompe muitas barreiras impostas tanto pelo machismo, quanto pelo racismo, como também pela xenofobia.

Alcione Dias Nazareth nasceu em 21 de novembro de 1947, na cidade de São Luís, no Maranhão. Sua primeira apresentação profissional foi aos 12 anos, na Orquestra Jazz Guarani (banda da polícia militar), regida por seu pai. O apelido “Marrom” foi dado nesse período, pelos integrantes da orquestra. Em 1972, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde lançou seu primeiro compacto. Ao longo de sua trajetória como cantora, compositora e multi-instrumentalista, gravou trinta e nove álbuns, vendendo oito milhões de cópias de discos em diversos países (Marques, 2022).

Optamos por analisar todos os excertos que encontramos de discursos de ódio observados em postagens no Twitter sobre Alcione relacionados à temática de seu vídeo. O começo dessa discussão surgiu porque na reunião ministerial do dia 22 de abril de 2019, que teve a participação do vice-presidente, Hamilton Mourão, de Sergio Moro, então ministro da Justiça, e de outros ministros, totalizando 25 autoridades, o então presidente Jair Bolsonaro disse ao ministro Onyx Lorenzoni, sem saber que estava sendo gravado: “Dentre os governadores de ‘paraíba’, o pior é o do Maranhão. Não tem que ter nada com esse cara” (G1, 2019).

A declaração de Bolsonaro foi registrada pela TV Brasil, que cobria o evento. Na fala ele não só critica o governador do Maranhão, Flávio Dino (à época PC do B), como também usa o termo “paraíba”, termo usado de modo pejorativo contra nordestinos em algumas regiões do Sudeste. A partir disso, podemos afirmar que “[...] os principais interesses de discursos de ódio são tanto retóricos como políticos” (Butler, 2021 p. 34), ou seja, ao proferir esse discurso o ex-presidente invoca um pensamento hegemônico que mantém estruturas de poder já consolidadas na sociedade brasileira. Segundo Butler (2021, p. 13): “Uma pessoa não está simplesmente restrita ao nome pelo qual é chamada. Ao ser chamada de algo injurioso, ela é menosprezada e humilhada”. Bolsonaro utiliza a linguagem como um instrumento de poder, para se manter em

uma posição superior aos cidadãos da região nordestina; a linguagem nesse sentido é usada para ferir, machucar e manter a dominação de um grupo sobre o outro. “O uso do termo ‘machucar’ sugere que a linguagem pode ter efeitos semelhantes aos da dor física ou de um ferimento” (Butler, 2021, p. 16).

As “piadas” e “brincadeiras”, tais como denominar as pessoas nordestinas de “paraíbas”, na realidade reforçam uma visão estereotipada, que discrimina, marginaliza e criminaliza os cidadãos nordestinos, restringindo suas possibilidades de vida. Segundo Fonseca (2012, p. 12), a “piada” é um discurso informal, que fomenta preconceitos, mas também denuncia: “[...] a fragilidade da democracia etnorracial e social brasileira e, ainda, torna transparente a tentativa padronizadora perpetrada pelo branqueamento”. A “regionalidade nordestina” representa uma performatividade que contraria os preceitos da branquitude brasileira que valoriza apenas os descendentes de imigrantes europeus, população habitante do Sul e do Sudeste.

Em resposta a essa fala do então presidente Jair Bolsonaro, a cantora Alcione Marrom postou um vídeo no Instagram no dia 20 de julho de 2019, defendendo o povo nordestino e o estado do Maranhão. Ela diz:

Presidente Bolsonaro, eu não votei no senhor e não me arrependo. Eu sou uma brasileira que não torço contra o governo, não sou burra. Eu sei que se torcer contra, estou torcendo contra o meu país. Agora meu pai sempre me dizia, que meu avô já dizia para ele: “Quem quer respeito, se dá”. E o senhor não está se dando respeito. O senhor precisa respeitar o povo nordestino. Respeite o Maranhão. O senhor tem medo de facada, tem medo de tiro, mas o senhor precisa ter medo do pensamento. O pensamento é uma força. Pense em mais de 30 milhões de nordestinos pensando contra o senhor? Comece a nos respeitar. Respeite o povo brasileiro (Nazareth, 2019).

O vídeo circula pelas redes sociais, também sendo compartilhado no YouTube e no Twitter. O recorte para o Twitter ocorre porque é a rede em que mais encontramos discursos de ódio. Na imagem do vídeo, observamos Alcione com uma blusa que estampa a bandeira do seu estado, Maranhão. Como vemos na imagem a seguir:

Figura 1 – Imagem do vídeo postado no Instagram no dia 20 de julho de 2019.

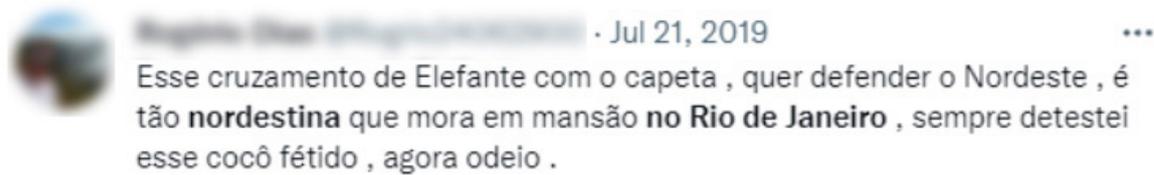


Fonte: Nazareth (2019)

Nessa rede vemos o olhar masculino branco sobre o corpo de uma mulher negra nordestina. Rodrigo Dantas² (Tweet, 2019a), no dia 21 de julho de 2019, se sente autorizado e no dever/direito de interpelar a cantora, postando no Twitter:

² Os nomes dos perfis foram alterados, esses são fictícios, a fim de resguardar a identidade dos usuários, por uma questão ética. A escolha dos nomes foi feita pela própria pesquisadora.

Figura 2 – *Tweet* do 21 de julho 2019.



Fonte: *Tweet* (2019a)

Em seu discurso, esse perfil assume uma postura de vigilância em relação às pessoas nordestinas que moram no Rio de Janeiro, sustentando a ideia de que se Alcione não mora no Nordeste, ela então deixa de ser nordestina. Concomitantemente, o perfil contextualiza um discurso que serve para medir quem é e quem não é nordestino de verdade, sendo verdadeiros apenas aqueles nordestinos que permanecem em seu estado de origem.

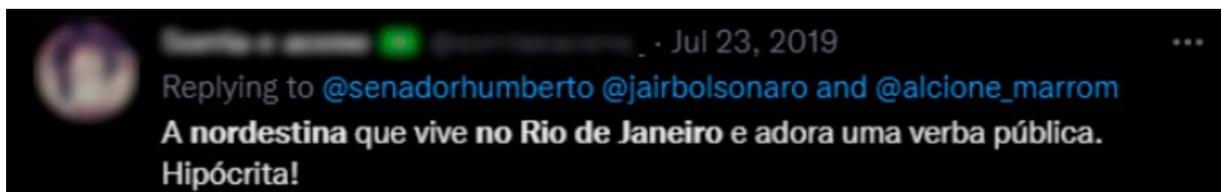
O ataque segue com o perfil descrevendo-a como “cruzamento de elefante com o capeta” e “cocô fétido” e, pelos índices linguísticos, além da xenofobia, mostra ser gordofóbico e racista. O ato de fala dele gera a animalização e a desumanização da cantora, apontando para um ideário racista e eugenista. Na foto do perfil vemos um homem branco que “machuca com palavras”, através do discurso de ódio, o corpo de uma mulher negra, que não corresponde aos preceitos da branquitude, de um corpo branco e magro.

Esse discurso revela o desejo de agredir e de humilhar a cantora. Os atos de fala performativos reforçam discursos que visam desqualificar e desumanizar as vidas dos corpos negros e nordestinos. Mesmo que a cantora tenha um sucesso nacional e contribua para uma representatividade positiva das mulheres negras nordestinas, ela não está protegida dos discursos de ódio.

Ainda no Twitter encontramos outra postagem, outro perfil em vigilância com relação às pessoas nordestinas que moram no Rio de Janeiro, como se essas fossem “menos” nordestinas. O que chama atenção nesse outro perfil é que não tem um nome e so-

brenome. Denominado Seja Feliz e Sorria, a foto é de um desenho animado caracterizando-o como uma conta anônima ou falsa. Segundo Silva (2008), na *web* acontece a circulação de diversos discursos, constituindo-se em um espaço onde as pessoas estariam supostamente protegidas pela amplitude, pelo anonimato e pelas múltiplas possibilidades oferecidas pela rede. A Coletiva Ciborga (2022) complementa afirmando que existem perfis administrados por robôs. No dia 23 de julho de 2019, esse segundo perfil posta:

Figura 3 – *Tweet* do dia 23 de julho de 2019.



Fonte: *Tweet* (2019b)

Nesses discursos, Alcione deixa de ser nordestina, ou se torna “menos nordestina”. O que traz novamente o conceito de performance, já que a afirmação de Seja Feliz e Sorria e Rodrigo Dantas são atos performativos, vemos que, ao serem realizados, efetivam uma divisão entre Cariocas (pessoas que nasceram na cidade do Rio de Janeiro) e nordestinos (pessoas que nasceram na região Nordeste). Vale ressaltar que a cantora não se torna carioca por morar na cidade do Rio de Janeiro, mas, para essas pessoas, ela “deixa de ser nordestina”.

Além de declarações que colocam em xeque a sua identidade regional nordestina, algumas postagens atacam sua honestidade, afirmando que a intenção do seu discurso não é a defesa da população nordestina, mas um interesse político e pecuniário, acusando a artista de ter sido beneficiada no governo anterior, do Partido dos Trabalhadores (PT). Como vemos ainda em um *tweet* do dia 20 de julho de 2019, postagem realizada por um homem branco, denominado de Prof. Lucas. Após seu nome há dois *emojicons* de bandeirinhas do Brasil, símbolo este que foi apropriado pela extrema-direita brasileira.

Figura 4 – *Tweet* do dia 20 de julho de 2019.



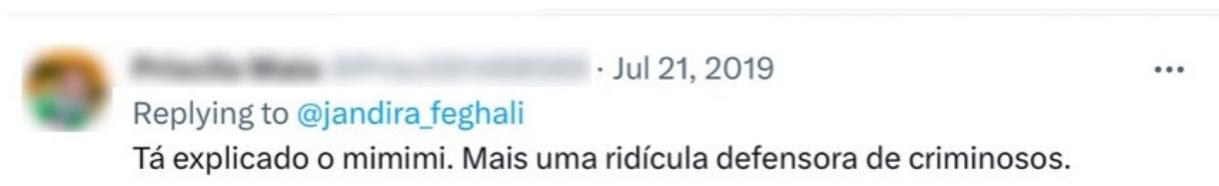
Fonte: *Tweet* (2019c)

A expressão “boquinha” pode ser entendida como verba e/ou dinheiro recebido. No discurso fica entreaberto se seria um dinheiro público legal ou ilegal, porém a cantora é acusada de ter interesses particulares por trás do seu vídeo. Retomando a fala de Seja Feliz e Sorria, esse também questiona a honestidade da artista, afirmando que esta: “[...] adora uma verba pública”.

Percebemos que o uso do discurso sobre corrupção esconde os reais objetivos do governo de Bolsonaro, sendo este o desmonte de políticas públicas voltadas para a arte e a cultura. Por meio da repetição dos discursos, observamos, como dizem Adorno e Horkheimer (1985), o desaparecimento do sujeito autônomo em detrimento de um pensamento uniformizante sobre corrupção.

Patrícia Meireles, mulher branca, no dia 21 de julho de 2019, começa seu discurso chamando a fala de Alcione de “mimimi”; essa é uma expressão usada na comunicação informal, de uma conotação pejorativa, sendo muitas vezes utilizada para satirizar alguém que reclama/reivindica alguma situação de injustiça.

Figura 5 – *Tweet* do dia 21 de julho de 2019.



Fonte: *Tweet* (2019d)

Segundo Pelbart (2019), “mimimi” é uma maneira de desqualificar o sofrimento de mulheres, negros, indígenas, transexuais

e pobres em geral. Além disso, “mimimi” passou a desmerecer a forma como costumávamos tratar os problemas que afligem a sociedade brasileira antes da chegada da ideologia neofascista ao poder, uma cultura de sensibilidade e acolhimento ao sofrimento e à dor alheia.

Ainda no mesmo *tweet*, Patrícia Meireles chama Alcione de “ridícula”. No dicionário Michaelis (2023), temos como definição do adjetivo: “que é digno de riso ou merecedor de zombaria; que não tem bom senso; que tem o poder de causar riso; cômico, risível; que revela mau gosto e pende para o vulgar; que tem pouco valor; insignificante”. Complementando o termo “mimimi”, usado para desqualificar e satirizar o discurso da cantora em defesa dos nordestinos, ao chamá-la de “ridícula”, Patrícia Meireles projeta essas características para a própria artista, ofendendo-a, dizendo que esta é digna de riso, que é uma pessoa de pouco valor, insignificante.

O índice linguístico “defensora de criminosos” repete o discurso sobre corrupção disseminado pela extrema-direita. Nesse sentido, as palavras são ações e produzem efeitos; por meio do discurso se reproduz uma imagem de que políticos da oposição são criminosos, corruptos etc.

Em outra postagem, essa questão política é retomada, reforçando a acusação de que a artista ao fazer o vídeo está apenas pensando nos seus próprios interesses. Como vemos na postagem do dia 22 de julho de 2019, por Terra Fernando, homem branco:

Figura 6 – *Tweet* do dia 22 de julho de 2019.



Fonte: *Tweet* (2019e)

Nessa postagem, Terra Fernando afirma que a bandeira que Alcione está usando é de Cuba, quando, na verdade, trata-se da bandeira do Maranhão. Segundo Meireles (1972), a bandeira foi adotada oficialmente em 29 de dezembro de 1889 pelo Decreto n.º 6 e foi criada pelo poeta Sousândrade. As cores vermelha, preta e branca simbolizam a mistura de raças do povo do Maranhão. Informação que parece ter passado despercebida por Terra Fernando.

Novamente, observamos a mesma afirmação falsa, no dia 21 de julho de 2019, em que o usuário da rede social denominado A. S. S., usando apenas três iniciais como ID e utilizando a bandeira do Brasil como fotografia do perfil, posta:

Figura 7 – *Tweet* do dia 21 de julho de 2019.



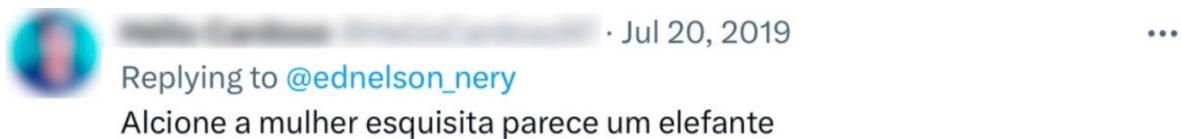
Fonte: *Tweet* (2019f)

O ato de fala se caracteriza em apoio à extrema-direita brasileira, não só pelo uso da bandeira do Brasil como fotografia de perfil, como também pela expressão “nosso presidente”. Os índices linguísticos “machucam com as palavras” a cantora, pelo uso do palavrão “vai se foder”. Como também pelos termos “mulher feia” e “estúpido”, sendo que o primeiro, afirma que as características físicas de Alcione não correspondem àquilo que tem sido cons-

truído como padrão/modelo, especialmente imposto às mulheres. O segundo termo complementa essa questão, já que de acordo com a linguagem informal, “estrupício” quer dizer estorvo, pessoa que atrapalha e também de aparência indesejada.

Hugo Celso, homem branco, no dia 20 de julho de 2019, ataca verbalmente o corpo/aparência de Alcione, mulher negra, primeiro, chamando-a de “esquisita”, que segundo o dicionário Michaelis (2023), pode significar uma pessoa diferente da maioria, como também de aparência desagradável ou feia. Ao usar os termos “mulher esquisita” juntos, a postagem evidencia como a questão do padrão de beleza afeta mais o gênero feminino, principalmente as mulheres negras. Outro índice linguístico utilizado é o termo “elefante”, que remete à questão da gordofobia, e reitera o discurso de que a cantora não tem um aspecto físico aceitável, desumanizando-a ao compará-la com um animal, como podemos ver a seguir:

Figura 8 – *Tweet* do dia 20 de julho de 2019.



Fonte: *Tweet* (2019g)

Além da questão da gordofobia, o fato de chamarem a cantora de feia/esquisita também está relacionado ao racismo. As ideologias neofascistas fomentam o ódio dos corpos de pessoas negras. Como diz Kilomba (2020, p. 56), falando sobre o corpo negro: “no racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão ‘fora do lugar’ e, por essa razão corpos que não podem permanecer”.

Como agravante, temos o fato de que em uma das postagens selecionadas, J. Silva, utilizando na fotografia de perfil a bandeira do Brasil, no dia 24 de julho de 2019, usa o termo “senzala” (alojamento destinado à moradia dos escravos) de modo metafórico, mostrando de forma mais escancarada o racismo. Também afirma que Alcione seria inocente e inofensiva, justificando que o ato de fala da cantora tenha se dado por falta de conhecimento e malícia.

Figura 9 – *Tweet* do dia 24 de julho de 2019.



[User Name] · Jul 24, 2019



Replying to [@goulart_lenita](#) and [@alcione_marrom](#)

Lê,perca tempo com Alcione ,não.
É uma inocente,não sabe de nada.
Único interesse, da Marrom,é continuar sendo da senzala dos Sarney .
Deixa Ela de mão.
Além de tudo é inofensiva !

Fonte: Tweet (2019h)

Afirmando que Alcione quer “continuar sendo senzala”, no sentido de continuar sendo “escrava”, dos políticos maranhenses José Sarney (ex-presidente do Brasil) e José Sarney Filho (PV), deputado federal do Maranhão por nove mandatos consecutivos. O discurso interpela a postura da cantora, afirmando que essa apoia tais políticos. Além disso, o índice linguístico, “senzala”, faz referência à cor da sua pele, perpetuando ideias racistas.

Também esteve presente nos discursos a homofobia. No dia 21 de julho de 2019, Marta Margarida, uma mulher branca, posta: “sapa gorda”. Os índices linguísticos apontam para a homofobia ao descrever a orientação homossexual lésbica como “sapa”, além da gordofobia pelo uso pejorativo da palavra “gorda”.

Figura 10 – *Tweet* do dia 21 de julho de 2019.



[User Name] · Jul 21, 2019



Replying to [@Dannye_Assys](#) and [@carbony](#)

[@alcione_marrom](#) , esta sapa gorda amiga de José Sarney, colada no Lula, como todos que o apoiam é cúmplice nos crimes cometidos a Nação. E agora foi pega em flagrante delito, incitação a violência igualzinho a Paulo Henrique.
Disseminar ódio é o forte deles.

Fonte: Tweet (2019i)

Em seguida, o perfil afirma que Alcione é amiga do político maranhense José Sarney Filho (PV), deputado federal do Maranhão por nove mandatos consecutivos, e propaga o discurso uniformizante e totalizante da extrema-direita segundo o qual o presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT) é criminoso, dizendo que Alcione, ao apoiá-lo, também é cúmplice de seus “crimes”, repetindo o discurso sobre corrupção também visto em outras postagens. A postagem finaliza afirmando que o ato de fala da cantora incita à violência e dissemina o ódio.

As postagens analisadas são de pessoas da extrema-direita, que apoiaram (e possivelmente seguem apoiando) Jair Bolsonaro. Nesse sentido, os discursos de ódio postados convergem com falas do ex-presidente, que nunca escondeu suas posições racistas, xenofóbicas e homofóbicas.

4. Considerações Finais

Com base em Melo e Rocha (2015) e Silva (2019), os discursos de ódio sobre Alcione são construídos pela e na linguagem, ou seja, pelos atos de fala performativos. Os dados gerados nos permitem inferir que os atos de fala performativos de discursos de ódio apontam para crenças e ideologias que ainda constroem as mulheres negras nordestinas, como ‘inferiores’ e cujos corpos estão ‘naturalmente e sempre à disposição’ de ataques violentos de diversas ordens, inclusive verbais.

Vivemos em uma sociedade marcada pelos preceitos da branquitude, em que o branco é considerado o ‘belo’, a ‘raça superior’. Nas postagens, vemos olhares masculinos brancos sobre o corpo/aparência de Alcione, uma mulher negra nordestina, denominando-a de feia, de esquisita, de cocô, de capeta. Os índices linguísticos remetem, segundo Borges e Melo (2019), a uma imagem negativa em relação à mulher negra, trazendo uma violência que impõe a hegemonia branca. Além disso, apareceram outros termos como “elefante” e “sapa”, que denunciam ideários gordofóbicos e homofóbicos. A questão da xenofobia, aparece nos discursos, em uma perspectiva

de vigilância em relação às pessoas nordestinas que moram no Rio de Janeiro, apontando para o fato de que se Alcione não mora no Nordeste, ela deixa de ser ou se torna menos nordestina.

Frente a essas questões, Crenshaw (2018) nos mostra a interseccionalidade representativa, pensando como a cultura popular representa as mulheres negras nordestinas e como isso afeta as suas vidas. Mesmo Alcione ocupando um espaço em geral destinado apenas para pessoas brancas, essa não deixa de ser atingida em diferentes níveis de sofrimento, é “machucada pelas palavras” através dos discursos de ódio, que interferem, fomentando uma desumanização de sua vida e limitando seu direito de ser mulher negra nordestina migrante.

Assim, ao concentrarmos nossos esforços em produzir conhecimento sobre a reprodução/repetição de discursos de ódio em um contexto *on-line*, percebemos que as pessoas brancas e os usuários da extrema-direita, que apoiaram (e provavelmente seguem apoiando) Jair Bolsonaro, sentem-se no ‘direito/dever’ de expor, agredir e ofender uma mulher negra, mesmo considerando que os discursos racistas, xenofóbicos e homofóbicos são crimes no Brasil. Por isso, com os resultados da análise podemos vislumbrar uma herança sociopolítica nada animadora, em que mesmo com a derrota da extrema-direita nas urnas, as ideias e ideais neofascistas ainda estão presentes nos discursos da população brasileira.

Este artigo espera contribuir para discussões e/ou intervenções futuras na área de linguagem e raça no Brasil, possibilitando a construção de novos conhecimentos, que dialoguem de forma crítica com o tempo presente. Pensando não só os contextos *on-line*, a pesquisa também oferece subsídios para a criação de representações sociais que fujam de estereótipos e preconceitos, rompendo com esse imaginário negativo contra as mulheres negras nordestinas.

Referências

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2012.

BLOMMAERT, Jan. *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; MELO, Glenda Cristina Valim de. Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n254727>. Acesso em: 16 jan. 2024.

BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: UNESP, 2021.

BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder y identidad*. Madrid: Editorial Síntesis, 1997.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2018.

COLETIVA CIBORGA. *Etnografia digital: um guia para iniciantes nos estudos da linguagem em ambientes digitais*. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039?origin=crossref>. Acesso em: 20 abr. 2018.

DAVIS, Angela. *Mulher, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2013.

ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

FABRÍCIO, Branca Fallabella. The empire blogs back: gendered and sexualized cultural “others” in superdiversified digital trajectories. *Discourse, Context & Media*, [s. l.], v. 4, p. 7-18, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2211695814000166>. Acesso em 16 jan. 2024.

FABRÍCIO, Branca Falabella; MELO, Glenda Cristina Valim de. “Us for ourselves”: enregistering and de-escalating coronavirus under nervous conditions. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 59, n. 3, p. 1884-1915, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/wZpfbKP4vxnZGtP9krTbszm/abstract/?lang=en&format=html>. Acesso em: 16 jan 2024.

FONSECA, Dagoberto José. *Você conhece aquela?: a piada, o riso e o racismo à brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

G1. ‘Daqueles governadores de ‘paraíba’, o pior é o do Maranhão’, diz Bolsonaro. G1, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/19/daqueles-governadores-de-paraiba-o-pior-e-o-do-maranhao-diz-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 16 jan. 2024

GARCIA, Carlos. *O que é nordeste brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.

MARQUES, Ana Paula. Biografia de Alcione: tudo sobre a rainha do samba brasileiro. In: BLOG letras. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/alcione-biografia/>. Acesso em: 20 set 2023.

MARX, Karl. *A questão Judaica*. São Paulo: Centauro, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MEIRELES, Mário Martins. *Símbolos nacionais do Brasil e estaduais do Maranhão*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1972.

MELO, Glenda Cristina Valim de. Performativity of race intersected by gender and sexuality in a conversation circle among black women. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 60, n. 1, p. 6-15, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/kZQyp6fCvjpyV8jc8dyfSWC/abstract/?lang=en>. Acesso em: 16 Jan. 2024.

MELO, Glenda Cristina Valim de; ROCHA, Luciana Lins. Linguagem como performance: Discursos que também ferem. In: RODRIGUES, Marília Giselda et al. (org.). *Discurso: sentidos e ação*. Franca: Unifran, 2015. p. 97-116. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Professores/linguagem_como_performance.pdf. Acesso em: 16 jan. 2024.

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. [S. l.]: Editora Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 24 jan. 2023.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Gênero, sexualidades e mídias contemporâneas: do pessoal ao político. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 263-268, abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/48516/33670>. Acesso em: 16 jan. 2024.

MOITA LOPES, Luís Paulo; PINTO, Joana Plaza. Colocando em perspectiva as práticas discursivas de resistência em nossas democracias contemporâneas: uma introdução. *Trabalhos em linguística Aplicada*, Campinas, v. 59, n. 3, p. 1590-1612, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8664069>. Acesso em: 16 jan. 2024.

NAZARETH, Alcione Dias. [*Postagem em rede social*]. [S. l.], 20 de jul. 2019. Instagram: @alcioneamarrom. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B0JKf4WBHBU/>. Acesso em: 5 fev. 2024.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Bahia: Edufba, 2013.

PELBART, Peter Pál. O mimimi como categoria biopolítica. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 13, n. 20, p. 99-104, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/article/view/46066>. Acesso em: 16 jan. 2024.

PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino*. São Paulo: Cortez, 1992.

PENNYCOOK, Alastair. *Global englishes and transcultural flows*. Nova York: Routledge, 2007.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RUA, João. Paus-de-arara e Pardais: o Brasil migrante em começos do século XXI. *Geo/Nova*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 8, p. 179-206, 2003. Disponível em: <https://catalogobib.parlamento.pt:82/images/winlibimg.aspx?key=&doc=91182&img=22083&res=150>. Acesso em: 16 jan. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A difícil reinvenção da democracia frente ao fascismo social. *In*: Instituto Humanitas Unisinos. [*Site institucional*]. São Leopoldo, 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/563035-a-dificil-reinvencao-da-democracia-frente-ao-fascismo-social-entrevista-especial-com-boaventura-de-sousa-santos>. Acesso em: 23 jul. 2023.

SILVA, Carolina Parreiras. *Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade 'on-line'*. 2008. 198 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/434366>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SILVA, Danillo da Conceição Pereira. *Quando dizer é violentar: violência linguística e transfobia em comentários online*. Salvador: Editora Devires, 2019.

SILVERSTEIN, Michael. *Pragmatic Indexing*. In: MEY, Jacob L.; ASHER, Ronald E. (org.) *Concise Encyclopedia of Pragmatics*. London: Elsevier, 2009. p. 756-759.

TWEET. [S. l.], 21 de jul. 2019a. Twitter.

TWEET. [S. l.], 23 de jul. 2019b. Twitter.

TWEET. [S. l.], 20 de jul. 2019c. Twitter.

TWEET. [S. l.], 20 de jul. 2019d. Twitter.

TWEET. [S. l.], 22 de jul. 2019e. Twitter.

TWEET. [S. l.], 21 de jul. 2019f. Twitter.

TWEET. [S. l.], 20 de jul. 2019g. Twitter.

TWEET. [S. l.], 24 de jul. 2019h. Twitter.

TWEET. [S. l.], 21 de jul. 2019i. Twitter.

XAVIER, Juscélia Santos. O preconceito cultural e linguístico enraizado entre regiões do Brasil. *Revista Scientia*, Salvador, v. 5, n. 3, p. 44-58, 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/scientia>. Acesso em: 16 jan. 2024.

Agradecimentos

Bárbara Oliveira Rosa agradece a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pela bolsa, Processo SEI E-26/204.569/2021, bolsa de Pós-doutorado Nota 10 (PDR-10), referente ao projeto: “Macabéas, das narrativas ao grito: a solidão e as memórias das mulheres nordestinas” e à Luciana Penna Fernandes pela correção ortográfica.

Glenda Cristina Valim de Melo agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Bolsa de Produtividade 305302/2022-1, assim como ao auxílio à pesquisa da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) SEI E-202.772/2019.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.